

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ARTÍSTICO E DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Profa. Dra. Rosa Iavelberg
Faculdade de Educação, USP

Resumo: O texto propõe o uso da construção de projetos por professores em cursos de formação continuada. O objetivo principal dessa estratégia didática é que os professores se apropriem dos procedimentos de criação de projetos para dar aulas com autonomia e autoria. Para tanto, elaborou-se um plano de criação de projetos, em curso ministrado no estado do Acre, na cidade de Rio Branco, com a proposta de uma sequência de atividades a serem percorridas pelos participantes para gerar um produto a ser socializado. Outra orientação para a criação desses materiais pelos professores é o trabalho com poéticas expressivas das culturas da região onde as escolas situam-se, como ponto de partida e posterior expansão de conteúdos à produção cultural em sentido amplo. Assim, acreditamos que a prática experienciada pelos professores nesta proposta formativa, a nosso ver, impulsiona a construção simultânea de conhecimentos nos âmbitos da formação cultural e didática em artes visuais e, ainda, forma para a gestão do planejamento de aulas de arte.

Palavras chave: Diversidade cultural, formação de professores, criação didática

Cultura significa o ato de cultivar. Hoje, mais do que nunca, é necessário cultivar a criatividade humana, pois, em cada contexto de rápida mutação, os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por meio de iniciativa e imaginação criadoras. (Cuéllar, 1997, pp. 101-102)

Do início de 1999 até o fim de 2000 a equipe de Arte da Secretaria do Ensino Fundamental do Ministério da Educação (SEF/MEC), composta por profissionais especializados nas linguagens de artes visuais, dança, música e teatro, coordenada por nós, viajou pelas regiões Norte e Nordeste com o objetivo de formar professores de Arte. Foram ministrados cursos práticos e

teóricos, com base nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em Belém do Pará, Goiânia, Goiás Velho, Rio Branco, Salvador e Sergipe. Para os fins deste artigo, além da apresentação, descrição e reflexão sobre esse projeto, trataremos da experiência de Rio Branco, no Acre, e detalharemos quatro modelos de projetos que foram produzidos por professores e orientados para o segundo ciclo do Ensino Fundamental à época, hoje nomeado Fundamental 2, com o objetivo de promover a construção de conhecimento didático, cultural e na gestão de projetos em artes visuais.

Origens e desdobramentos do Projeto

Esse projeto foi elaborado depois de se discutir uma minuta inicial nas secretarias de educação de Belém (envolvendo o Instituto de Arte do Pará), Salvador e Sergipe, quando se avaliaram as demandas e possibilidades de trabalho com Arte. Dessa interlocução definimos os objetivos do projeto e assim os ordenamos:

Todas as linguagens em suas ações educativas serão regidas por princípios comuns cujos objetivos são:

- expansão da compreensão dos PCN e dos PCN Arte;
- valorização das culturas de cada comunidade e integração desse repertório de forma sistemática nos planejamentos escolares;
- promoção da qualidade do trabalho e da autonomia dos professores em relação à construção de planejamentos e projetos educativos utilizando as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais;

- ampliação e valorização do universo educativo-cultural dos professores;
- sensibilização para a ressignificação do papel da escola na comunidade local e da relação professor-aluno;
- observação da escola como local agradável, que mobiliza a educação para a cidadania, por intermédio de experiências com sentido na vida de alunos e professores;
- promoção do professor como agente importante da educação e da cultura, que trabalha em equipe, mobilizando os alunos e a comunidade em parcerias com profissionais de instituições culturais da sua região;
- ressignificação do papel do aluno como sujeito envolvido com intenso desejo de participação nas atividades desenvolvidas pela escola;
- inclusão dos Temas Transversais propostos nos PCN, sobretudo Ética;
- Reorientação da educação para a cidadania na relação professor-aluno e na inserção das escolas nas comunidades.

(Projeto PCN com Arte, 1999, pp.1-2)

Nos cursos de artes visuais desenvolvidos em Belém, Goiás Velho, Salvador e Rio Branco, priorizou-se, como um dos conteúdos da formação, o

estudo de obras de arte em conexão com os trabalhos de artistas da comunidade local. Tal idéia foi gestada durante o encontro Transformando com Arte, organizado pelo BNDES, no Rio de Janeiro, em abril de 1999, do qual participamos como representantes da SEF/MEC.

Nesse encontro, protagonizado por educadores e teóricos da educação social, voltado ao trabalho de ONGs no âmbito da educação não-formal, com foco em arte, pudemos observar que o sucesso das experiências estava vinculado à inclusão da história de vida dos aprendizes no espaço educacional, por intermédio da incorporação de suas culturas, em qualquer circunstância, como ponto de partida das atividades dos educadores, além de se tornar um princípio de valor inestimável para cada um deles.

Apesar de os relatos tratarem de trabalho com crianças em situação de exclusão social fora da escola formal, a experiência pode ser aproveitada por educadores escolares. Por meio dela vê-se que a recuperação dos alunos como seres conscientes da própria capacidade para aprender, ação necessária nas escolas, tem como ponto de partida a inclusão do contexto cultural dos alunos. Nesta trilha a arte é uma área de conhecimento excelente e propícia a essas finalidades. Ademais, considerar o contexto cultural em que a escola está inserida não implica perder os objetivos mais abrangentes da arte na educação.

Em outras palavras, não se trata de reduzir o ensino da arte a instrumento da educação ou apenas ao ensino das culturas de origem dos estudantes, mas sim de exaltar também a qualidade da arte como conhecimento diferenciado na formação da criança e do jovem, ensinando o valor do que se faz na região da escola e nas diferentes culturas, abordando a

transformação permanente de cada uma das culturas, portanto, ensinando sobre sua diversidade.

Assim sendo, pensamos que é possível ao aluno do Ensino Fundamental 2 atribuir significado às diversas culturas destacando seu valor, sabendo julgar a qualidade artística e estética das produções, estudando-as e expandindo seus estudos na vertente da interculturalidade, incluindo os conteúdos da arte produzida em diferentes tempos e lugares, consciente de seus direitos de aluno ao conhecimento e à participação social investigativa e transformadora.

Acreditamos, portanto, que o legado dessas experiências culturais pode ressignificar a escola na vida dos alunos, além de promover o conceito de direito à participação social dos professores, alunos e comunidade em geral. Se hoje compreendemos o currículo como a expansão de processos por intermédio dos quais os alunos aprendem, dentro e fora da escola, considerar as práticas culturais dos professores em formação e de seus alunos e ainda a diversidade das culturas no ensino da Arte é diminuir o vão entre a arte que se estuda nas escolas e a produção social em arte.

Acreditamos que com esses procedimentos pode-se expandir o conceito de desenho curricular integrando, mediante o ensino da arte, conteúdos que se referem à identidade cultural – considerando o fluxo intercultural – do grupo de alunos na relação positiva com as diferenças, sem negá-las ou hierarquizá-las com critérios preconceituosos.

A valorização e o estudo dos artistas de cada capital em que trabalhamos tiveram resultado positivo e mobilizador nos professores em formação. Em Salvador, por exemplo, estudamos Márcia Ganen e Goya Lopes, estilistas baianas com fortes referências culturais indígenas e africanas, com

espaços de mostra e visitação acessíveis aos alunos do projeto; estudamos Pierre Verger, que, nascido em Paris, chegou à Bahia com 42 anos, estudou e incorporou em seu trabalho foto-etnográfico os símbolos da cultura africana na Bahia e também as imagens de Carybé.

Em Goiás Velho, a artista estudada foi Goiandira do Couto. Ela utiliza técnica de espalhar areias coloridas da região sobre *eucatex* com cola e terra de uma gama infinita de cores. Em Belém, foi a vez de Alexandre dos Santos, Alixa, jovem artista contemporâneo, de Emanuel Nassar, artista contemporâneo com projeção internacional, e de Mestre Cardoso, artista popular, pesquisador da produção de cerâmica marajoara e tapajônica, entre outros artistas pesquisados. Por fim, em Rio Branco, no segundo semestre de 2000, o escolhido foi Hélio Melo (1926-2001), artista autodidata acreano.

Dois princípios formadores fundamentaram a proposta junto aos professores: trabalhar com investigação (estudo e busca de informações) e criação de projetos de artes visuais para trabalho em sala de aula e uso nas escolas. O objetivo principal era que os professores se apropriassem dos procedimentos de criação de projetos para dar aulas com autonomia. Para tanto, elaborou-se um plano de criação de projetos com uma sequência de atividades a serem percorridas por eles em subgrupos, que culmina num produto a ser socializado e comentado pelo grupo todo.

Além disso, incentivou-se o uso coletivo dos projetos criados pelos professores ou sua socialização entre os pares nas redes, com possibilidade de recriá-los, promovendo, desta forma, mais conhecimento e discernimento na escolha de fontes para dar aula. Assim, a prática experienciada pelos professores neste curso impulsiona, a nosso ver, a construção simultânea da

formação cultural e didática em artes visuais e, ainda, a gestão do planejamento de aulas de arte.

Nesse processo, o que orientou o trabalho dos professores foi um texto em cuja estrutura havia uma base didática assim ordenada: ciclo de escolaridade para o qual o projeto estava orientado (para quem); objetivos (para quê); conteúdos (o quê), metodologia e procedimentos didáticos (como); meios materiais (com o quê), tempo didático (quando); espaço (onde); e avaliação (o que foi aprendido) e fechamento (destino das produções).

O trabalho realizado em pequenos grupos serviu de apoio a cada participante e encorajou o estudo (investigação) em arte, área na qual a maioria dos professores acredita não ter conhecimento suficiente. Desse modo, o trabalho em cooperação facilita o encontro de soluções e informações por intermédio da soma das ações e da interlocução.

Um binômio na formação de professores de arte: autonomia na escrita de projetos de artes visuais e inclusão das culturas locais

Combinar criação de projetos e estudo das obras de artistas locais mostrou ser uma escolha adequada em nossa prática, tanto na formação inicial de professores para o ensino das artes visuais como na continuada, porque o percurso de criação didático percorrido na formação simula a situação de trabalho real necessária ao professor criador, reflexivo, autônomo e que cultiva seu papel de estudante em formação permanente.

Assim, essa aprendizagem pela resolução de problemas e pela descoberta combinou-se com as estratégias formativas de construção de projetos de artes visuais produzidos para serem socializados entre pares de

uma mesma rede de ensino nas capitais que percorremos. Quando os professores têm problemas a resolver e decisões a tomar, é preciso acompanhá-los, ajudá-los em face dos percalços que se apresentam, para que operacionalizem o resultado final, materializando a investigação em texto escrito, organizado e em uma sequência de atividades de modo a poder ser compartilhado.

No caso de pesquisas diversificadas, sobre o mesmo artista ou artistas diferentes, levantam-se conteúdos e temas que acrescentam repertório ao grupo por meio da complementaridade entre os projetos. A intenção é produzir vários exemplos, ou bons modelos de planejamento de unidades didáticas para que depois, aprendidos os procedimentos de investigação e análise das possíveis operacionalizações dos planejamentos em práticas didáticas, os professores ganhem autonomia para selecionar conteúdos e planejar seus desenhos curriculares para outros temas e conteúdos.

Assim sendo, nossa proposta é que se abandonem os manuais com exemplos de atividades dirigidos aos professores, pois em geral cumprem nas escolas a agenda da alienação, do empobrecimento, da mecanização e da submissão nas práticas dos professores. Em vez disso, buscamos um objeto de trabalho criativo feito pelos professores, com a finalidade de ordenar uma nova vida nas escolas, orientando práticas profissionais criativas e a apropriação da elaboração do desenho curricular pelas equipes.

O uso recriador de projetos e conteúdos propostos pela rede para professores é uma alternativa que pode ser cumprida sem submissão se o professor souber como fazer seus próprios materiais e se puder participar da elaboração dos de sua rede.

Os PCN não propõem um currículo nacional em que se eliminam as diferenças, como afirmam aqueles que não entendem sua vitalidade didática, ao contrário, reiteram as igualdades como perspectiva inclusiva considerando a pluralidade. Assim sendo, pontuamos o valor do estudo e da inclusão da diversidade das culturas, incluindo a brasileira como aspecto importante na construção da identidade profissional e cultural dos professores em arte, algo que deve ser ampliado permanentemente pelos participantes sem desconsiderar os aspectos singulares, móveis e universais da produção nas culturas.

Sabe-se que estudar a cultura de origem mobiliza interesse na formação de alunos e professores, mas devemos incentivar o que se faz com esta cultura na atualidade, reiterando o caráter dinâmico e vivo das culturas, destacando as produções de qualidade artística e estética. Com esses encaminhamentos os professores entendem, a nosso ver, que podem aprender e ensinar arte, porque os conteúdos estudados fazem sentido em suas vidas, além de terem significado social. Isso garante a base para seguir com autonomia e ação prático-reflexiva na atividade profissional.

Uma educação com arte precisa trazer arte de qualidade para os alunos, para que a identidade da criança e do jovem possa reconhecer-se nessas referências e na força dessas criações, para que os alunos percebam como é importante ter autoria nos próprios trabalhos, protagonismo nas formas, ações e escolhas em arte.

A didática da arte não pode prescindir dos conteúdos de uma arte que revela o invisível – o não dito e o não tocado – nos seus objetos, objetos criados por sujeitos autônomos produtores de sentido, começo profundo na vida das pessoas e das comunidades (Iavelberg, 2008: 288).

Para que o trabalho iniciado no curso de formação siga na sala de aula, privilegiamos a criação de projetos de artes visuais orientados ao mergulho no universo da arte com vistas a trazer benefícios aos alunos das escolas. Para tanto, como já afirmamos, os projetos de artes visuais não foram oferecidos prontos aos professores nos cursos de formação, eles precisaram percorrer os caminhos de sua elaboração para se apropriar dos bastidores conceituais e processuais dessa confecção. Por intermédio dessas aprendizagens, cada professor será agente consciente de sua prática e poderá ser ativo na gestão do currículo junto aos colegas de trabalho, compartilhando estudos e práticas educacionais.

Para melhor atingir esses objetivos, além dos cursos realizados em conjunto com as secretarias de educação, em alguns casos, como Salvador e Belém, houve a participação de formadores locais, para os quais, diga-se, sempre reservamos 10% das vagas para educadores de ONGs e instituições culturais, a fim de incentivar a sinergia entre os agentes educativos, os quais, acreditamos, podem dar continuidade a essas interações. Ademais, na composição dos grupos de educadores escolares priorizamos também o envolvimento dos diretores, com o intuito de mobilizar a recepção das propostas nas escolas.

Estrutura subjacente ao planejamento dos projetos incorpora fundamentos didáticos da área de Arte

O diálogo entre os conhecimentos da arte e da educação é imprescindível à atualização no ensino da arte: fazer arte, ler imagens e saber situá-las consolidam os três eixos de aprendizagem significativa propostos nos

PCN de Arte. Correspondem a esses eixos diferentes conteúdos: fatos, conceitos princípios, procedimentos, valores e as questões sociais da atualidade ou temas transversais, referentes às culturas selecionadas.

Nos PCN não se ordena o currículo de arte por disciplinas proposto no DBAE (Discipline Based Art Education), da Getty Foundation americana, que exerceu influência nas escolas brasileiras a partir dos anos 1980.

A base substantiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais é a didática contemporânea – o diálogo entre ensino e aprendizagem – mediante a qual o professor observa a aprendizagem para organizar o ensino.

O currículo é compreendido como texto aberto a permanente transformação, considerando-se os distintos modos de assimilação dos conteúdos conceituais, procedimentais, reiterando os valores e temas da atualidade social a eles vinculados, pautando-se nos diferentes contextos educativos e, sobretudo, nas possibilidades cognitivas, físicas e afetivas dos estudantes.

O professor de arte contemporâneo precisa considerar as possibilidades de ação dos alunos em sala de aula e levar em consideração que cada contexto modifica a orientação de suas propostas de atividades.

É preciso, portanto, estar aberto e ser flexível na ação didática. Essas idéias sobre as novas orientações no trabalho do professor de arte são expressas por Perrenoud, que nos diz que *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Concebe-se, assim, um professor prático/ reflexivo e criador nas situações didáticas em mobilidade permanente.

No que se refere ao currículo contemporâneo, os professores buscam o diálogo com as práticas sociais, ou seja, os conteúdos selecionados

relacionam-se com os espaços extraescolares, com o 'mundo real' onde são aplicadas as áreas de conhecimento.

Na área de Arte o currículo embasa-se no universo da arte e de seus agentes sociais, dos artistas, dos críticos, dos historiadores, para guiar a escolha dos conteúdos. Em outras palavras, o fazer e o pensar sobre arte nos define os objetos de conhecimento a serem aprendidos na escola.

São esses conteúdos que serão transpostos didaticamente perpassando o triângulo professor, aluno e arte.

Trata-se de uma opção curricular que inclui as instituições culturais, os espaços onde se faz arte, os locais onde a arte é exposta ao público, os textos relativos à arte e as inúmeras formas de documentação da arte, e, ainda, as questões político-sociais relativas ao acesso à arte podem ser estudadas no currículo na educação escolar.

Dessa forma, as aprendizagens não serão estéreis porque se referem a conteúdos e seleção de poéticas que dizem respeito a desejos, possibilidades e necessidades de aplicação na vida social e pessoal dos professores e alunos com base na educação emancipatória.

Por outras palavras, as aprendizagens terão sentido quando mobilizarem os educandos (alunos ou professores em formação) no estudo de temas interessantes que, segundo Charlot (2000), têm sentido quando os conteúdos satisfazem intelectualmente um desejo profundo daqueles que aprendem.

Um artista pode estar submisso às regras do mercado a ponto de abandonar sua poética e fazer o que ele sabe que preenche as expectativas da produção cultural orientada para o mero lucro. As escolas ou projetos sociais que orientam seu funcionamento regidos pela resposta ao mercado atuam da

mesma maneira. O que importa nessas situações são produtos, os números, uma matemática pouco afeita às emoções, necessidades e aos valores humanos fundamentais, como se pudéssemos colocar no mesmo nível pessoas e objetos de consumo (Iavelberg, 2008:286).

Em 2004 publicamos uma experiência formativa realizada com professores da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com uma ONG paulistana, o CEDAC, dentro do projeto Escola que Vale, em São Luiz do Maranhão, no primeiro semestre de 2003. Nesta ação formativa incluiu-se, como projeto dos professores no curso, a elaboração de materiais de apoio didático e simulação de aulas entre os pares, além da pesquisa na formação inicial e continuada de professores de arte, principalmente quando há pouco tempo didático para a formação – e isso costuma ser a tônica da área de arte – por ser uma estratégia formativa altamente mobilizadora e transformadora. A força da experiência formativa dessas ações com os PCN com Arte da SEF/MEC esteve no entrelaçamento da formação didática e artística vivida na investigação, prosseguiu e desdobrou-se em propostas de construção ou estudo de materiais de apoio didático de arte e subsequente simulação de aula entre os pares.

Como pressuposto da formação de professores de arte, considerou-se que a investigação voltada para o trabalho em equipe, a preparação de material para ser compartilhado (a socialização de produtos diferenciados) e a simulação de aula entre os pares preparam tanto os professores em formação inicial como em continuada, o que tende a generalizar e flexibilizar as aprendizagens geradas no curso em diferentes contextos de aulas reais.

A experiência do Acre: exemplos de projetos para cursos de formação continuada de professores em Artes Visuais

Matinta Pereira

É um pássaro de cor cinzenta com os encontros das asas amareladas. O canto dela é assim: Matinta! No mesmo instante se escuta dizer: Pereira! Bem distante de onde ela se encontra. Ela é cheia de encantos. Às vezes se transforma e fica com cara de ser humano.

Mapinguari

Monstro lendário da floresta. Seu tamanho é de dois metros e anda em pé. É cabeludo, tem couro resistente e um umbigo grande, por onde anda solta um cheiro mal que embriaga o caçador. Suas unhas são afiadas e só tem um olho no meio da testa. Dizem os índios Apurinãs que ele existe.

Hélio Melo (Inscrições de placas do Parque Chico Mendes, Rio Branco)

O Acre está situado na parte sudoeste da Amazônia e a sua capital, Rio Branco, foi a cidade escolhida para o projeto PCN com Arte da SEF/MEC, que atuou nas regiões Norte e Nordeste.

Esse braço do projeto PCN com Arte de arte visuais foi coordenado, acompanhado e ministrado por nós e pelo professor e artista plástico Tarcísio T. Sapienza, no segundo semestre de 2000, apoiados pela SEF/MEC em parceria com a Secretaria Estadual de Educação do Acre na Cidade de Rio Branco.

O artista que estudamos foi Hélio Melo, que viveu nos seringais até seus 33 anos, quando, cansado das dificuldades enfrentadas ali, viajou com a

família para Rio Branco, onde exerceu as profissões de catraieiro, barbeiro e vigia para sobreviver, dedicando-se à pintura à noite (Costa, 1992). Morreu em 2001. Durante o projeto falou sobre suas pinturas, tocou rabeca, dançou e discorreu sobre o imaginário dos povos da floresta. De sua obra, destacamos o trabalho que ele realizou sobre mitos, fauna e flora amazônicos.

Melo, que se destacou na Bienal de 2006 em São Paulo, teve reconhecimento tardio. Foi descoberto pelo escultor Sérgio Camargo em 1980, que, impressionado com a luz de suas pinturas quando viu sua exposição no SESC da Tijuca, incentivou sua carreira. Depois disso, fez diversas exposições, inclusive no exterior.

Em seu artigo “Arte da Floresta: a travessia de um seringueiro”, Tereza Moreira, na revista *Brasil Agrícola* de 1985, afirma que Hélio Melo escreveu quatro cartilhas, intituladas *Do seringueiro para o seringueiro*, publicadas pela Fundação Cultural do Acre. Nelas, ele narra as histórias da mata com o objetivo de preservar a memória de um mundo em extinção e por acreditar que se um povo é consciente de sua própria história tem mais estofamento para fazer suas reivindicações. Nesta esteira escreveu: “Os mistérios da mata”, “Os mistérios dos répteis e dos peixes”, “Histórias da Amazônia” e a “Experiência do caçador e os mistérios da caça”. Tais histórias, oriundas de transmissão oral, foram enriquecidas por suas ilustrações, consolidando-se assim como fonte documental da cultura popular. Narra histórias como esta:

Ai do gavião que atacar um ninho de bem-te-vis. Esses passarinhos tão inofensivos juntam-se em três ou quatro e caem de bico em cima do agressor. O gavião, para se defender, tenta alcançar um galho de árvore. Mas que nada; os bem-te-vis levam o pássaro mais e mais acima e lá nas alturas dão uma boa surra no

gavião intrometido. (Hélio Melo in Moreira, 1985, p. 38).

O roteiro para a construção do material oferecido por nós continha a abordagem metodológica subjacente ao ensino e à aprendizagem na área de artes visuais, focando a estrutura de planejamento de uma unidade didática. Os grupos de modo geral seguiam nossa orientação. Seleccionavam a faixa etária dos alunos aos quais o planejamento estava orientado; justificavam a relevância da unidade didática definindo os objetivos; seleccionavam conteúdos a serem ensinados; indicavam os materiais que seriam utilizados; a metodologia das aulas ou orientações didáticas; estabeleciam um cronograma de realização definindo espaços e modos de avaliação. Em seguida, os planejamentos elaborados eram socializados e analisados nas aulas.

A formação é necessária para que o professor alcance autonomia. Para tanto, planejamos muitas atividades durante o curso. Por intermédio delas, os professores assimilavam os conhecimentos necessários à realização dos projetos. Durante a elaboração destes a participação do formador foi fundamental para que os professores trabalhassem com: a) informações de diversos suportes: jornais, livros, material informatizado e didático, obras originais, revistas e vídeos; e b) análise crítica e compartilhamento dos projetos criados.

A discussão sobre oficinas, textos informativos, fontes de informação e trabalho com imagens da arte ampliou as opções de investigação e prática, mas, sobretudo, promoveu o conhecimento dos métodos de elaboração de projetos com autonomia.

Abordar as práticas formativas do professor de arte envolve a transposição de saberes do universo da arte a serem assimilados por alunos,

que têm modos próprios de aprender. Esta dimensão também precisa fazer parte dos cursos de formação em que os professores são alunos.

Projetos para o ensino fundamental

Passamos agora a descrever e analisar quatro modelos de projetos que foram produzidos orientados ao segundo ciclo do ensino fundamental, 5^a a 8^a séries, atuais 6^o e 9^o anos do Fundamental 2, com base no curso dado em Rio Branco.

Ao redigirem os projetos, os participantes definiam seus objetivos, conteúdos, orientações didáticas e avaliação. Daí em diante seguiam os conteúdos dos quatro grupos, G1; G2; G3 e G4, representando 100% dos participantes do curso de artes visuais:

QUADRO I – OBJETIVOS (para que educar?)

G1 Os educandos precisam conhecer a vida e a obra dos artistas locais valorizando, conhecendo e respeitando-as e, acima de tudo, desenvolvendo o senso crítico.

G2 Despertar no alunado a percepção visual, a fim de que isso lhes sirva de base nas suas práticas sociais como cidadãos.

G3 Levar aos educandos a apreciação das obras e produção de tintas naturais na realização de trabalhos propostos pelo professor.

“Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Esse desenvolvimento fundamental

só ocorre quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento dessa produção pelo público” (Barbosa, 1988, p. 18).

G4 Ao desenvolver o projeto, estaremos despertando nos alunos o interesse em conhecer outros artistas da região amazônica. Além disso, o estudo sobre o artista Hélio Melo possibilita maior conhecimento sobre a região em que ele vive, por exemplo, cultura, habitantes, etc.

Em relação ao Quadro I, em que se leem os objetivos que norteiam as finalidades educativas dos projetos, “para que educar?”, notamos que o G1 destaca a cultura local; G2 elege uma habilidade ligada ao universo das artes visuais que é a percepção visual como instrumento de valor na participação cidadã, assim como G3 vai além e inclui o valor do estudo dos meios naturais na produção das tintas e, por fim, o G4, que elege o artista local como abertura ao interesse por outros artistas da região e pontua o estudo da cultura local.

Podemos observar neste conjunto a abertura à criação de objetivos diferenciados no desenvolvimento de projetos similares e adequação de objetivos em cada grupo.

QUADRO II – CICLO OU SÉRIES (Para quem?)

G1 Alunos da 5ª a 8ª série, das escolas estaduais da cidade de Rio Branco
G2 Alunos de 5ª a 8ª série, escola periférica da cidade de Rio Branco.
G3 5ª série
G4 O projeto será desenvolvido com alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

Em relação ao Quadro II, todos os grupos orientaram o trabalho para o segundo ciclo do ensino fundamental, e o G3 circunscreveu a série.

QUADRO III – CONTEÚDOS (O quê?)

- G1** Lenda do Mapinguari; apreciação da obra de arte do Mapinguari do artista local: Hélio Melo.
- G2** Atividades em Artes Visuais.
- G3** Vida e Obra de Hélio Melo; produção de tintas com corantes tirados da natureza.
- G4** História da vida do artista plástico; estilo do pintor; os recursos utilizados pelo pintor na produção de suas obras.

No Quadro III, que trata dos conteúdos, observamos que apenas o G2 deixou vago o conteúdo e não o relacionou precisamente com o objetivo indicado. Os demais grupos associaram objetivo a conteúdos e selecionaram conteúdos coerentes com o desenvolvimento dos projetos.

A tematização desta questão, quando socializamos os resultados no coletivo de professores, promove a aprendizagem entre os pares.

QUADRO IV – Orientações Didáticas (Como?)

- G1** Uma breve conversa com os alunos para investigar o que eles sabem do assunto:
- 1 O que são lendas?
 - 2 O que vocês sabem da lenda do Mapinguari?
 - 3 Vocês já ouviram falar do artista plástico "Hélio Melo"?
- Feita a introdução, informar que Hélio Melo é um artista que retrata os motivos e as cenas do mundo da floresta.
- Partindo daí, assistirão a um vídeo do Hélio Melo que se refere à floresta, ao Mapinguari, como também um pouco da sua vida de seringueiro e artista. Ao término do vídeo, perguntar:
- 1 O que mais lhe chamou atenção no vídeo?

- 1 De acordo com o vídeo, o Mapinguari é um homem ou um bicho?
- 1 Qual a relação do artista com o Mapinguari?

Será apresentada à turma a pintura do Mapinguari de Hélio Melo e sugeridas as seguintes perguntas:

- 1 O que esta figura parece para vocês?
- 1 Será que ela existe?
- 1 O que vocês fariam se o Mapinguari aparecesse na sua frente?

Será explicado ainda que lendas são histórias passadas de pais para filhos, são imaginárias.

. As lendas têm suas origens nos seringais.

No último momento, será solicitado à turma que conte uma história do Mapinguari com base nos desenhos.

Tempo: este projeto será desenvolvido em três aulas aproximadamente.

G2 Fazendo, criando e inventando manifestações artísticas visuais; promovendo releituras, debates, explicando a escolha das obras, suas semelhanças e diferenças e produzindo a partir da síntese.

1) Ao expor o vídeo, procurar direcionar o assunto em pauta para promover debates como:

- a) Qual a finalidade do vídeo?
- b) Se o vídeo consegue transmitir sua mensagem.
- c) Síntese do vídeo por meio de produções (pinturas, desenhos, poesias, músicas, etc.) dos alunos.

2) Releituras de obras artísticas.

- a) Pesquisa da vida do artista.
- b) Escolha das obras.
- c) Compará-lo a outros artistas internacionais, nacionais, regionais, etc.
- d) Promover interpretações das obras, explicando a escolha, as semelhanças e diferenças e, no final, produzindo as obras e culminando com a exposição dos trabalhos.

Tempo: No decorrer do período letivo.

Espaço: Na escola e nos centros culturais em geral.

G3

Materiais: reproduções de obras do autor; vídeo; folhas, flores, casca de madeira, sementes, barro, carvão, ovos e outros.

1) Colocar uma imagem da obra de Hélio Melo diante dos alunos e pedir que eles se coloquem diante dos seguintes questionamentos:

- ◆ O que estou vendo?
 - ◆ Qual o meio utilizado para se criar esta imagem?
 - ◆ Sou capaz de compreender esta imagem e os significados que ela traz consigo?
 - ◆ Qual a importância de conhecer esta imagem?
- 2) Apresentar e comentar um vídeo sobre a vida e a obra de Hélio Melo.
 - 3) Os alunos devem trazer materiais retirados da natureza para a extração das cores.
 - 4) Extrair cores dos materiais coletados, misturando os pigmentos retirados dos materiais com aglutinadores (óleo, verniz, gema de ovo, cola em barra ou aglutinadores em tubos próprios para pintura).
 - 5) Realizar trabalhos em salas de aula com base na obra de Hélio Melo utilizando o material produzido por eles mesmos.
- Tempo: este plano será concluído em 05 (cinco) encontros:
- 1º e 2º encontro: Apreciação da obra de Hélio Melo e apresentação do vídeo sobre sua vida;
- 3º encontro: Coleta de materiais;
- 4º encontro: Extração das cores;
- 5º encontro: Utilização do material extraído.
- Os locais utilizados serão: a sala de aula, refeitório, sala de vídeo e locais de coleta.
- ◆ **G4**
 - ◆ Projeção e vídeo;
 - ◆ leitura de textos;
 - ◆ pesquisa bibliográfica;
 - ◆ trabalho em grupo e individual;
 - ◆ confecção e exposição de murais;
 - ◆ apresentação do artista para a turma;
 - ◆ leitura de textos sobre a vida e obra do artista;
 - ◆ leitura e análise por meio de transparências ou xerox de alguma obra do artista;
 - ◆ projeção e debate do vídeo: Peleja do Hélio Melo com o Mapinguari do Antimari;
 - ◆ estudos em grupos para pesquisarem sobre a vida e obras do artista;
 - ◆ apresentação para a turma da pesquisa realizada sobre o artista;
 - ◆ produção artística (desenho, pintura, colagem) dos alunos a partir do estudo realizado;
 - ◆ obras do pintor Hélio Melo (reproduções de pinturas e livros);
 - ◆ lápis de cera;

- ◆ papel;
- ◆ tinta;
- ◆ cartolina;
- ◆ vídeo;
- ◆ texto;
- ◆ transparência;
- ◆ pincéis;
- ◆ seis encontros com a turma (hora/aula).

Observamos, nas quatro orientações didáticas transcritas, ordens diferentes de encaminhamentos e sequências de atividades que compõem cada projeto. Mas ressaltamos que os participantes foram competentes para transformar os saberes sobre arte e educação em saberes para dar aulas de arte. Mesmo o G2, que, em decorrência dos conteúdos vagos, ainda neste segmento aborda as orientações didáticas com pouca precisão no item 1, mas define outras com clareza no item 2, circunscreve melhor suas atividades e, assim, esclarece alguns objetivos e conteúdos, tratados no Quadro III.

Conclusões: Culturas das regiões e desenho curricular aberto nas escolas

A redação de unidades didáticas por grupos de professores – se bem orientada pelos formadores – nos cursos de formação em artes visuais de redes públicas de ensino, que incluem as poéticas da região ainda não estudadas de forma sistemática nas escolas, pode ordenar o desenho curricular de arte, de ações interdisciplinares com arte e o estudo de temas transversais ou questões sociais e políticas da atualidade pertinentes às poéticas.

Além disso, o exercício de criação didática que envolve as culturas das regiões incentiva a postura investigativa dos professores, porque desperta o interesse e a necessidade de estudar arte para ensinar. Sem contar que a identidade cultural dos participantes é mobilizada quando se recupera o valor dessas culturas ao estudá-las no dia-a-dia das escolas.

A experiência também nos aponta sobre a importância de haver tempo para que professores aprendam compartilhando suas investigações e práticas educacionais, criando um banco de materiais gerados por eles para apoiar suas práticas.

A inclusão das poéticas da região é uma ação formativa emancipatória porque recupera a memória cultural, valoriza-a, preserva-a e situa as transformações ocorridas no tempo. Dignifica, assim, a origem sociocultural dos alunos e professores que pertencem à região, dando tratamento positivo à identidade da região e de outras regiões e tempos, com sentido e conhecimento. Mas isso não é suficiente. É preciso refletir sobre o que se faz na relação com as culturas, considerar as transformações que sofrem no tempo e a interpenetração de umas nas outras, ou seja, pensar a interculturalidade para implementar a atitude de inclusão social mediante o ensino da diversidade e do valor não hierárquico das diferenças e reconhecimento das semelhanças entre as culturas.

A socialização dos projetos entre os pares representa uma experiência de estudo e formação compartilhada que cria identidade entre os educadores como partícipes de um projeto educacional comum.

O estudo de artistas, culturas e temáticas locais mobiliza o interesse pelo estudo da arte. A criação de planejamento de aulas por professores

promove a autonomia, a gestão escolar, a criação didática e conceitua o professor como protagonista de sua prática e reflexão.

A experiência nos leva a concluir que propor criação didática para professores em formação continuada em Arte é uma estratégia adequada que, associada a outras que trabalham com fundamentos e práticas artísticas, promove: a aprendizagem para saber dar aulas de arte e sobre arte e, também, a formação educacional, gerencial e cultural destes professores, resultando em aprendizagens importantes, devido à seleção das atividades e conteúdos que ordenaram a experiência como um todo.

Referências Bibliográficas

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, Patrícia. "A arte da vida". *E&D Suplemento*, Rio Branco, pp. 6-7, set. 1992.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.) *Nossa diversidade criadora: relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento*. Brasília: Unesco/Papirus, 1997.

IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. "Material didático como meio de formação - criação e utilização". In: *Educação com Arte*. São Paulo: FDE, 2004, pp. 245-65 (série Idéias 31).

_____. "Arte na educação social". In: *Arteeducação, Vida Cotidiana e Projeto Axé*. (Org.) Ana Maria Bianchi dos Reis, Salvador: Eufba & Projeto Axé, 2008, pp. 285-293.

MOREIRA, Tereza. "Arte da Floresta: a travessia de um seringueiro". *Revista Brasil Agrícola*, pp. 38-39, 1985.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS para O Ensino Fundamental, MEC/SEF, 1997.

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PROJETO PCN COM ARTE. Brasília: SEF/MEC, 1999 (xerocopia).

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

RIVAS, Ricardo Hevia "Culturas originarias: Integración y desarrollo de nuestra diversidad". In: NEGRÓN, Barbara (ed.). *Diversidad cultural, el valor de la diferencia*. Santiago: LOM Ediciones/Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, 2005.

ROTEIRO DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO ACRE. Rio Branco: Indústria Gráfica e Editora Tico-tico, 1996.

ZABALA, Antoni *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Referências na internet sobre Pierre Verger

<http://www.unicamp.br/~everaldo/bahia/verger/index.html>

<http://www.corrupio.com.br/verger-p.htm>

Referências na internet sobre Rio Branco

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Acre